Entre Passado e Presente: a historicidade como chave de leitura territorial

Vanuza Rodrigues Mariano Costa

vanuzamariano58@gmail.com

Resumo:

Este artigo é um recorte da dissertação de mestrado intitulada por; Tecendo a identidade cultural sãofelense na escola Pássaro Azul: um estudo de caso sobre o resgate da história e cultura local no contexto educacional. Esse recorte visa compreender a valorização da identidade cultural local, do município de São Félix do Xingu, no sul do Pará. A historicidade de São Félix do Xingu é marcada por um processo de ocupação relativamente recente, impulsionado por políticas de colonização agrícola e expansão da fronteira econômica amazônica a partir das décadas de 1970 e 1980. O município, oficialmente criado em 1988, tornou-se conhecido por sua vasta extensão territorial e diversidade étnica e cultural, reunindo migrantes de várias partes do Brasil, populações indígenas como os Kayapó e Xikrin, além de comunidades ribeirinhas e tradicionais. O artigo traz um resgate de elementos formadores da identidade local, como os modos de vida das populações nativas, o impacto da pecuária extensiva e do garimpo sobre o território e a convivência entre culturas distintas.

Palavras-chave: Historicidade. Resgate. Cultura.

Recebido em: dez. 2024; Aceito em: maio. 2025

DOI: 10.56069/2676-0428.2025.684

Produções Científicas em Pauta: Novas linhas de investigação

Julho, 2025, v. 3, n. 28

Periódico Multidisciplinar da FESA Educacional

ISSN: 2676-0428

Between Past and Present: Historicity as a key to territorial reading

Abstract:

This article is an excerpt from the master's dissertation entitled by; Weaving the São Felense cultural identity in the Pássaro Azul school: a case study on the rescue of local history and culture in the educational context. This excerpt aims to understand the valorization of the local cultural identity of the municipality of São Félix do Xingu, in the south of Pará. The historicity of São Félix do Xingu is marked by a relatively recent occupation process, driven by policies of agricultural colonization and expansion of the Amazonian economic frontier from the 1970s and 1980s onwards. The municipality, officially created in 1988, has become known for its vast territorial extension and ethnic and cultural diversity, bringing together migrants from various parts of Brazil, indigenous populations such as the Kayapó and Xikrin, as well as riverside and traditional communities. The article brings a rescue of elements that form local identity, such as the ways of life of native populations, the impact of extensive cattle ranching and mining on the territory and the coexistence between different cultures.

Keywords: Historicity. Rescue. Culture.

Entre el pasado y el presente: La historicidad como clave de la lectura territorial

Resumen:

Este artículo es un extracto de la disertación de maestría titulada por; Tejiendo la identidad cultural de São Felense en la escuela Pássaro Azul: un estudio de caso sobre el rescate de la historia y la cultura local en el contexto educativo. Este fragmento tiene como objetivo comprender la valorización de la identidad cultural local del municipio de São Félix do Xingu, en el sur de Pará. La historicidad de São Félix do Xingu está marcada por un proceso de ocupación relativamente reciente, impulsado por políticas de colonización agrícola y expansión de la frontera económica amazónica a partir de las décadas de 1970 y 1980. El municipio, creado oficialmente en 1988, se ha hecho conocido por su vasta extensión territorial y diversidad étnica y cultural, reuniendo a migrantes de diversas partes de Brasil, poblaciones indígenas como los Kayapó y Xikrin, así como comunidades ribereñas y tradicionales. El artículo trae un rescate de elementos que forman la identidad local, como las formas de vida de las poblaciones nativas, el impacto de la ganadería extensiva y la minería en el territorio y la convivencia entre diferentes culturas.

Palabras clave: Historicidad. Salvar. Cultura.

Introdução

Localizado no sudeste do estado do Pará, o município de São Félix do Xingu ocupa uma posição estratégica dentro da região conhecida como Amazônia Legal, sendo um dos maiores municípios em extensão territorial do Brasil. Com uma área superior a 84 mil km², o território de São Félix do Xingu é maior que muitos países e representa, ao mesmo tempo, um exemplo emblemático dos dilemas e das contradições históricas do processo de ocupação da Amazônia brasileira. Sua história está profundamente entrelaçada com o avanço das fronteiras agrícolas, com os fluxos migratórios internos, com a atuação do estado na promoção do desenvolvimento regional e com os conflitos fundiários que marcaram – e ainda marcam – o território.

A origem de São Félix do Xingu remonta à presença ancestral de povos indígenas que habitaram a região muito antes da chegada dos primeiros colonizadores. Povos como os Kayapó e os Xikrin têm relações históricas e culturais com o rio Xingu e suas margens, utilizando os recursos naturais de forma sustentável e transmitindo seus conhecimentos por gerações. No entanto, foi apenas a partir da segunda metade do século XX que a região passou a ser objeto de maior interesse político-econômico, em função das políticas de integração nacional, especialmente durante os governos militares. A construção da Rodovia Transamazônica e outras vias de acesso foram decisivas para a intensificação da ocupação humana no sul e sudeste do Pará.

O município de São Félix do Xingu foi oficialmente criado em 1988, a partir da emancipação de parte do território do município de Conceição do Araguaia. Sua criação coincide com o período de redemocratização do Brasil e com a promulgação da Constituição Federal de 1988, que previu maior autonomia para os municípios. Contudo, muito antes disso, a região já vivenciava um processo acelerado de ocupação por pecuaristas, madeireiros e pequenos agricultores, atraídos pelas promessas de terras baratas e férteis. Esse movimento migratório – em grande parte proveniente de estados como Maranhão, Tocantins e Goiás – transformou radicalmente a paisagem local, gerando desmatamento, conflitos fundiários e mudanças profundas nas dinâmicas sociais e ambientais do município.

Durante os anos 1990 e 2000, São Félix do Xingu consolidou-se como

um dos maiores rebanhos bovinos do país, o que lhe rendeu notoriedade nacional e internacional. Ao mesmo tempo, tornou-se um dos focos de maior preocupação ambiental, sendo frequentemente citado em relatórios de organizações ambientais como um dos municípios com maior índice de desmatamento da Amazônia. Essa tensão entre desenvolvimento econômico e conservação ambiental passou a definir grande parte da agenda política e social da cidade, colocando em conflito interesses de grandes produtores, ambientalistas, comunidades tradicionais e povos indígenas.

Apesar dos inúmeros desafios, São Félix do Xingu também se destaca pela sua riqueza cultural e diversidade étnica. O município abriga uma multiplicidade de grupos sociais, incluindo populações ribeirinhas, indígenas, migrantes nordestinos e trabalhadores rurais sem-terra. Essa complexidade social se reflete nas lutas por terra, por direitos sociais e por reconhecimento cultural, marcando a história recente do município com episódios de resistência, mobilizações sociais e disputas por políticas públicas.

Outro ponto importante da historicidade de São Félix do Xingu é a sua relação com as políticas de conservação ambiental. O município está inserido em uma área de grande importância ecológica, incluindo partes do Parque Indígena do Xingu e diversas Unidades de Conservação. Essa realidade impõe desafios adicionais à gestão territorial, exigindo soluções criativas e sustentáveis para conciliar produção agropecuária com preservação ambiental. Ao longo das últimas décadas, iniciativas de agroecologia, manejo florestal sustentável e projetos de conservação da biodiversidade vêm sendo implementadas por organizações da sociedade civil, governos e comunidades locais, com resultados variados.

A historicidade de São Félix do Xingu, portanto, é marcada por um contínuo processo de transformação territorial e social, profundamente influenciado pelas políticas nacionais de ocupação da Amazônia, pelas dinâmicas econômicas do agronegócio e pelos conflitos históricos em torno da terra e dos recursos naturais. Com um futuro ainda incerto, o município representa uma síntese dos desafios enfrentados por toda a região amazônica: como desenvolver-se economicamente sem comprometer os ecossistemas únicos que compõem seu território? Como garantir direitos para

todos os seus habitantes diante de pressões econômicas e políticas tão intensas?

Neste sentido, compreender a trajetória histórica de São Félix do Xingu é fundamental não apenas para entender a realidade local, mas também para refletir sobre os caminhos possíveis para uma Amazônia mais justa, inclusiva e sustentável. A história do município não pode ser dissociada dos grandes movimentos que moldaram o Brasil contemporâneo – desde a ditadura militar e seus projetos desenvolvimentistas, até as lutas sociais por reforma agrária, passando pelas atuais disputas em torno da agenda climática global. São Félix do Xingu é, portanto, um microcosmo das grandes questões brasileiras e amazônicas, um território onde se entrelaçam passado, presente e futuro de forma intensa e, muitas vezes, conflituosa.

Diante desse breve contexto histórico de São Félix do Xingu-PÁ, o presente artigo trará alguns conceitos de historicidade e a sua importância para o regaste cultural e social de um povo.

Um breve destaque sobre historicidade

A história é o pano de fundo que molda o nosso presente e projeta o nosso futuro. Nas terras do Pará, mais especificamente em São Félix do Xingu, o passado rico e específico dessa região desempenha um papel fundamental na formação da identidade cultural, histórica e educacional de seus habitantes.

O resgate histórico-cultural é uma busca fundamental para compreendermos as raízes e a evolução da humanidade, bem como para preservar e valorizar a diversidade cultural que enriquece nossa sociedade. É por meio desse resgate que podemos entender as origens de nossas tradições, costumes e identidade, e aprender com as lições do passado.

Jorge Luís Borges um escritor e poeta, afirmou em sua obra *O Aleph* (1949), que a tradição é uma cadeia inquebrável que nos liga ao passado, ao presente e ao futuro e que devemos cuidar dela como um tesouro inestimável, pois é através dela que entendemos nossa própria existência e a evolução da sociedade. Borges ressalta a importância da tradição como um elo vital que nos mantém ligados às nossas origens, permitindo-nos compreender quem

somos e de onde viemos.

O historiador britânico E.H. Carr, em seu livro *O que é história?* argumenta que a história é a contínua interação entre o passado e o presente. Isso significa que, ao resgatar o passado, não estamos apenas olhando para trás, mas também moldando nossa compreensão do presente e, por conseguinte, influenciando o futuro. “O historiador [..] ele tem a dupla tarefa de descobrir os poucos fatos importantes e transformá-los em fatos da história e de descartar os muitos fatos insignificantes como não históricos.” (Carr, 1982, p. 11).

Carr ressalta a importância de entender o passado como uma forma de guiar nossas ações e decisões no presente, de que cada história nunca chega a nós de forma pura, e ele ainda nos faz uma alerta;

> Os fatos da história nunca chegam a nós “puros”, desde que eles não existem e nem podem existir numa forma pura: eles são sempre refratados através da mente do registrador. Como consequência, quando pegamos um trabalho de história, nossa primeira preocupação não deveria ser com os fatos que ele contém, mas com o historiador que o escreveu. (Carr, 1982, p. 23).

Carr, enfatiza a natureza subjetiva da construção histórica. Ela nos lembra que a história é uma interpretação dos eventos passados, moldada pelas perspectivas e visões de mundo dos historiadores. Isso implica que a objetividade completa na narrativa histórica é inatingível, uma vez que os fatos são sempre filtrados através das mentes dos que os registram. Portanto, ao analisar uma obra histórica, é fundamental considerar o contexto, as crenças e as intenções do historiador por trás dela, pois esses fatores desempenham um papel fundamental na maneira como a história é apresentada.

O antropólogo Claude Lévi-Strauss, em seu trabalho "Tristes Trópicos", destaca a riqueza da diversidade cultural e a necessidade de preservá-la, para o autor a diversidade cultural é um patrimônio da humanidade, e devemos ser guardiões desse tesouro, preservando as diferentes maneiras de ser e de pensar que enriquecem nosso mundo. Lévi-Strauss enfatiza que o resgate histórico-cultural não se limita a uma única cultura, mas abrange a multiplicidade de perspectivas que enriquecem a experiência humana,

segundo o autor, são um conjunto de costumes de um povo, que é marcado por um estilo, para formar um sistema.

> O conjunto dos costumes de um povo é sempre marcado por um estilo; eles formam sistemas. Estou convencido de que esses sistemas não existem em número ilimitado, e que as sociedades humanas, assim como os indivíduos – em seus jogos, seus sonhos ou seus delírios – jamais criam de modo absoluto, masse limitam a escolher certas combinações num repertório ideal que seria possível reconstituir. Fazendo o inventário de todos os costumes observados, de todos os imaginados nos mitos, destes também evocados nos jogos das crianças e dos adultos, nos sonhos dos indivíduos saudáveis ou doentes e nos com- portamentos psicopatológicos, chegaríamos a elaborar uma espécie de quadro periódico como odos elementos químicos, no qual todos os costumes reais ou simplesmente possíveis apareceriam reunidos em famílias, e no qual só nos restaria identificar aqueles que as sociedades de fato adotaram. (Lévi-Strauss: 1996, p. 167).

Lévi-Strauss, destaca a ideia de que os costumes de um povo não são criados de forma absoluta, mas são produtos de escolhas e combinações dentro de um repertório cultural mais amplo. Ele compara esse processo à seleção de elementos químicos em uma tabela periódica, onde as sociedades humanas escolhem costumes a partir de um conjunto finito de opções. Essa visão sugere que, mesmo com a diversidade cultural, há limites para a criação de práticas culturais, e muitos costumes podem ser rastreados até elementos comuns presentes no repertório cultural global. Essa abordagem ajuda a entender a natureza da cultura como um sistema de símbolos e práticas que são selecionados e combinados de maneiras variadas por diferentes sociedades, além da necessidade de preservá-los.

Dessa forma, o resgate histórico-cultural desempenha um papel crucial na preservação de nossa identidade e na compreensão de nossa evolução como sociedade. Como Borges, Carr e Lévi-Strauss enfatizaram, a tradição, a interação entre passado e presente e a diversidade cultural são elementos essenciais desse processo. Ao valorizar e preservar nosso patrimônio cultural, estamos investindo no enriquecimento da experiência humana e na construção de um futuro mais consciente e enriquecedor.

O Brasil é um país de dimensões continentais, uma nação repleta de núcleos, ritmos e culturas que se entrelaçaram para formar uma tapeçaria multicamadas da identidade nacional. Dentro desse mosaico cultural, o estado

do Pará se destaca como um exemplo de diversidade, onde as raízes indígenas, africanas, europeias e asiáticas se entrelaçam para criar uma rica herança cultural. Nesse contexto, o município de São Félix do Xingu, localizado no sudoeste paraense, emerge como um epicentro desse legado multifacetado.

A cidade de São Félix do Xingu é uma terra de beleza natural deslumbrante, com vastas áreas de floresta amazônica, rios sinuosos e uma biodiversidade única. Além disso, o município abriga uma população diversificada, composta por diversas etnias indígenas, comunidades quilombolas, ribeirinhos e migrantes de outras regiões do país. A história de São Félix do Xingu é uma história de encontros e misturas culturais, de lutas e resistências, de tradições ancestrais que resistem ao teste do tempo.

Historicidade: alguns conceitos

A historicidade é um conceito fundamental no estudo da história e na compreensão da condição humana, é impossível fazer um resgate histórico-cultural, sem antes entender o que é historicidade. Ela se refere à dimensão temporal da existência, à maneira como os eventos e as ações humanas são moldadas pelo contexto histórico no qual ocorre. A historicidade confirma que não somos seres atemporais, mas sim criaturas imersas em um fluxo contínuo de mudanças e transformações.

Inúmeros autores ao longo da história exploraram e discutiram a historicidade de maneira profunda e perspicaz. Um dos primeiros pensadores a trazer contribuições significativas para essa discussão foi Heráclito, o filósofo pré-socrático que afirmou que "tudo flui" e que a mudança é uma característica fundamental do universo. Sua visão de constante transformação influenciou muitos filósofos posteriores.

> Heráclito, ao contrário, não vê no mundo nada permanente. Mais bem lhe parece que a mudança contínua de todas as coisas é o verdadeiramente essencial e característico: “Tudo flui, nada permanece”. (Capelle, 1981, p. 37).

Essa frase reflete a ideia de que tudo está em constante transformação e que a estabilidade e a permanência são ilusórias. Heráclito argumentou que a mudança era a ordem natural das coisas e que, para compreender o mundo, era necessário aceitar e abraçar essa mudança contínua. Ela nos lembra que nada é eterno e que a adaptação à mudança é essencial para a compreensão e a acessibilidade do mundo em constante evolução.

No entanto, foi com uma virada para a modernidade que a historicidade ganhou um foco renovador. O filósofo alemão Friedrich Nietzsche, por exemplo, enfatizou a importância da historicidade ao questionar a existência de verdades universais e eternas. Ele argumentou que nossas ideias e valores estão profundamente enraizados em contextos históricos específicos, e, portanto, devemos ser críticos em relação a eles.

> Portanto, podemos ter a capacidade de sentir a-historicamente, de perseverarmos em direção ao mais importante e originário, uma vez que aí reside o fundamento sobre o qual pode crescer algo reto, saudável e grandioso, algo verdadeiramente humano. O a-histórico é similar a uma atmosfera que nos envolve e na qual a vida se produz sozinha, para desaparecer uma vez mais com a aniquilação desta atmosfera. [...] No entanto, em um excesso de história, o homem deixa novamente de ser homem, e, sem aquele invólucro do a-histórico, nunca teria começado e jamais teria ousado começar. (Nietzsche, 2003, p. 12).

Nietzsche argumenta que podemos ter a capacidade de se conectar com algo "a-histórico", algo que está além do domínio da história e do tempo. Essa dimensão "a-histórica" representa um espaço onde podemos sintonizar com o que é mais importante e fundamental em nossas vidas. É nessa dimensão que encontramos o "fundamento" sobre o que algo verdadeiramente humano pode crescer. O autor adverte contra um "excesso de história" que pode fazer com que o ser humano perca sua própria humanidade/identidade. Ele sugere que, em um contexto histórico as pessoas podem se perder na confusão e nas contingências da história, o que pode obscurecer a busca pelo essencial e autêntico.

Por outro lado, no campo da filosofia e história, Georg Wilhelm Friedrich Hegel desempenhou um papel fundamental ao introduzir o conceito de "espírito do tempo" ou "geist". Ele argumentou que a história é guiada por um

processo dialético em que as contradições e os conflitos desempenham um papel central na evolução da humanidade.

> De modo geral, há muito que as mudanças que ocorrem na história são caracterizadas igualmente como um progresso para o melhor, o mais perfeito. As transformações na natureza, apesar da diversidade infinita que oferecem, mostram apenas um ciclo que sempre se repete. Na natureza, 'nada de novo sob o Sol' é produzido, e o jogo polimórfico de suas estruturas acarreta certa monotonia. Apenas nas transformações que acontecem no campo espiritual surge o novo. Esse fenômeno do espiritual mostra, de maneira geral, no caso do homem, uma determinação diferente da dos objetos naturais, nos quais sempre se manifesta um caráter único e estável, para o qual reverte toda mudança, vale dizer, uma capacidade real de transformação, e para melhor – um impulso de perfectibilidade (HegeL, 1999, p. 53).

Hegel, sugere que as mudanças na natureza são cíclicas e não representam necessariamente um progresso para o melhor, pois a natureza tende a se repetir e mostrar uma certa monotonia. Por outro lado, no campo espiritual, as mudanças são vistas como geradoras de algo novo e progressivo.

Isso reflete a ideia de que o desenvolvimento humano e a evolução espiritual podem resultar em mudanças significativas e progresso. O autor menciona um "impulso de perfectibilidade" associado ao homem, indicando que os seres humanos têm a capacidade de buscar a perfeição ou o aprimoramento de si mesmos. Isso está alinhado com a ideia de que a história humana é caracterizada por um movimento constante em direção a um estado ideal ou a um entendimento mais profundo.

Mais recentemente, o filósofo francês Michel Foucault fez contribuições valiosas para a compreensão da historicidade, argumentando que o conhecimento e o poder estão intrinsecamente ligados à época em que são produzidos. Ele declarou como as instituições e as práticas sociais refletem o contexto histórico em que surgem.

> [..] uma história que teria por função recolher em uma totalidade bem fechada sobre si mesma a diversidade, enfim reduzida, do tempo; uma história que nos permitiria nos reconhecermos em toda parte e dar a todos os deslocamentos passados a forma da reconciliação; uma história que lançaria sobre o que está atrás dela um olhar de fim de mundo (Foucault, 1979, p. 26).

Foucault está questionando a ideia de que a história pode ser contada de uma maneira que captura toda a complexidade e diversidade do tempo. Ele sugere que a história tradicional muitas vezes busca criar uma narrativa linear e simplificada, que não reflete a complexidade real da experiência humana ao longo do tempo. Para ele, uma história mais abrangente e precisa, poderia nos ajudar a entender melhor a nós mesmos, nossa cultura e nossa sociedade em todas as suas nuances, ou seja, a história tem um papel fundamental na formação da identidade coletiva e individual.

Foucault questionou se a história pode dar sentido aos eventos passados e reconciliá-los de alguma forma, referindo à ideia de que a compreensão do passado pode ajudar a superar conflitos, diferenças e divisões na sociedade, a história poderia ser usada para avaliar o passado de uma perspectiva mais ampla e profunda, como se estivéssemos olhando para o passado como se fosse o fim do mundo, ou seja, com uma visão mais crítica e transcendental.

Por outro lado, Barroso (2018) destaca a subjetividade na escrita da história e como os historiadores podem direcionar suas narrativas para públicos específicos, levando em consideração grupos com identidades particulares, como a negritude, o feminismo, o ecologismo, o movimento gay e as identidades religiosas.

> A História (ou as histórias) torna-se aqui profundamente subjetivada no que se refere a suas destinações. E, mais ainda, ao escrever uma história dirigida para um público específico, o historiador pode pensar isto socialmente – direcionando-a a grupos que cultivem identidades específicas, como a negritude, o feminismo, o ecologismo, o movimento gay, as identidades religiosas ou simplesmente pensar a destinação do seu trabalho em termos de públicos consumidores, pois o mercado editorial contemporâneo até mesmo o estimula a isto (Barros, 2018, p. 78).

O autor menciona como o mercado editorial contemporâneo pode influenciar os historiadores a considerar o público consumidor ao escrever história, refletindo uma tendência na historiografia contemporânea, na qual a escrita da história é vista como uma atividade não neutra, mas influenciada pelas perspectivas e identidades do historiador, bem como pelas demandas e

interesses do público a que se destina.

Isso pode levar a uma história mais inclusiva e sensível às experiências e perspectivas de grupos historicamente marginalizados. No entanto, também levanta questões sobre a objetividade e a imparcialidade na escrita da história, já que os historiadores precisam equilibrar a consideração das identidades específicas com a busca de uma compreensão precisa do passado.

Dessa forma, entendemos que a historicidade é um conceito central para a compreensão da condição humana e da maneira como interpretamos o mundo ao nosso redor. Os autores mencionados, entre outros, desenvolveram-se significativamente para o desenvolvimento e a análise desse conceito, deixando contribuições importantes sobre como o contexto histórico influencia a natureza da realidade, do conhecimento e da cultura. Portanto, ao considerar a historicidade, somos desafiados a considerar que somos seres históricos, cujas ações e pensamentos são inseparáveis do tempo e do lugar em que vivemos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo trouxe alguns aspectos relevantes sobre a historicidade de São Félix do Xingu (PA) revelando que o município é um reflexo complexo dos múltiplos processos históricos que moldaram a Amazônia brasileira, especialmente nas últimas décadas. A partir de uma perspectiva crítica, entender a historicidade de um território como este exige muito mais do que a simples reconstrução cronológica de eventos: é necessário compreender as múltiplas temporalidades, sujeitos históricos, disputas de narrativas e estruturas sociais que se entrecruzam na formação e transformação do espaço.

O conceito de historicidade, entendido como a maneira pela qual os indivíduos e grupos constroem, vivenciam e interpretam o tempo histórico, é fundamental para perceber São Félix do Xingu como um espaço de tensões permanentes entre o passado, o presente e o futuro. A ocupação territorial, os conflitos fundiários, as relações entre populações tradicionais, indígenas e migrantes, bem como a crescente presença do agronegócio e das políticas ambientais, são todos aspectos que configuram a experiência histórica vivida neste município.

Além disso, o caso de São Félix do Xingu evidencia como a história não é uma narrativa neutra, mas sim um campo de disputa por sentidos. A maneira como o município foi ocupado, os interesses que pautaram sua emancipação e crescimento, e os silêncios históricos em relação às populações originárias e à natureza mostram como diferentes sujeitos históricos tiveram (ou não) voz nos processos de construção da memória e da identidade local.

Portanto, ao articular os elementos empíricos da história de São Félix do Xingu com os conceitos teóricos de historicidade, este estudo reafirma a importância de se pensar o território como produto histórico-social, marcado por relações de poder, resistência e transformação. Compreender a historicidade de São Félix do Xingu é também lançar luz sobre os desafios contemporâneos da Amazônia, onde o desenvolvimento econômico, a justiça social e a preservação ambiental continuam a se confrontar em cenários de grande complexidade.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BARROS, José D' Assunção. **História e Pós-Modernidade**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2018.

CARR, Edward Hallet. **Que é história?** RIO DE JANEIRO: Paz e Terra., 1982, 129 p.

CAPELLE, Wilhelm. **História de la Filosofia Griega**. Trad. Emilio Lledó. Madri:Gredos, 1981.

FOUCAULT, Michel. **Nietzsche, a genealogia e a história**. In: FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979b.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Filosofia da História**. 2ª edição. Trad. Maria Rodrigues e Harden. Brasília: Editora da UnB, 1999.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **La pensée sauvage** Paris: Plon, 1966.

NIETZSCHE, F. Sämtliche Werke. **Segunda Consideração Intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida**. Trad. Artur Mourão. São Paulo: Editora Relume Dumara, 2003.